

Jules Verne

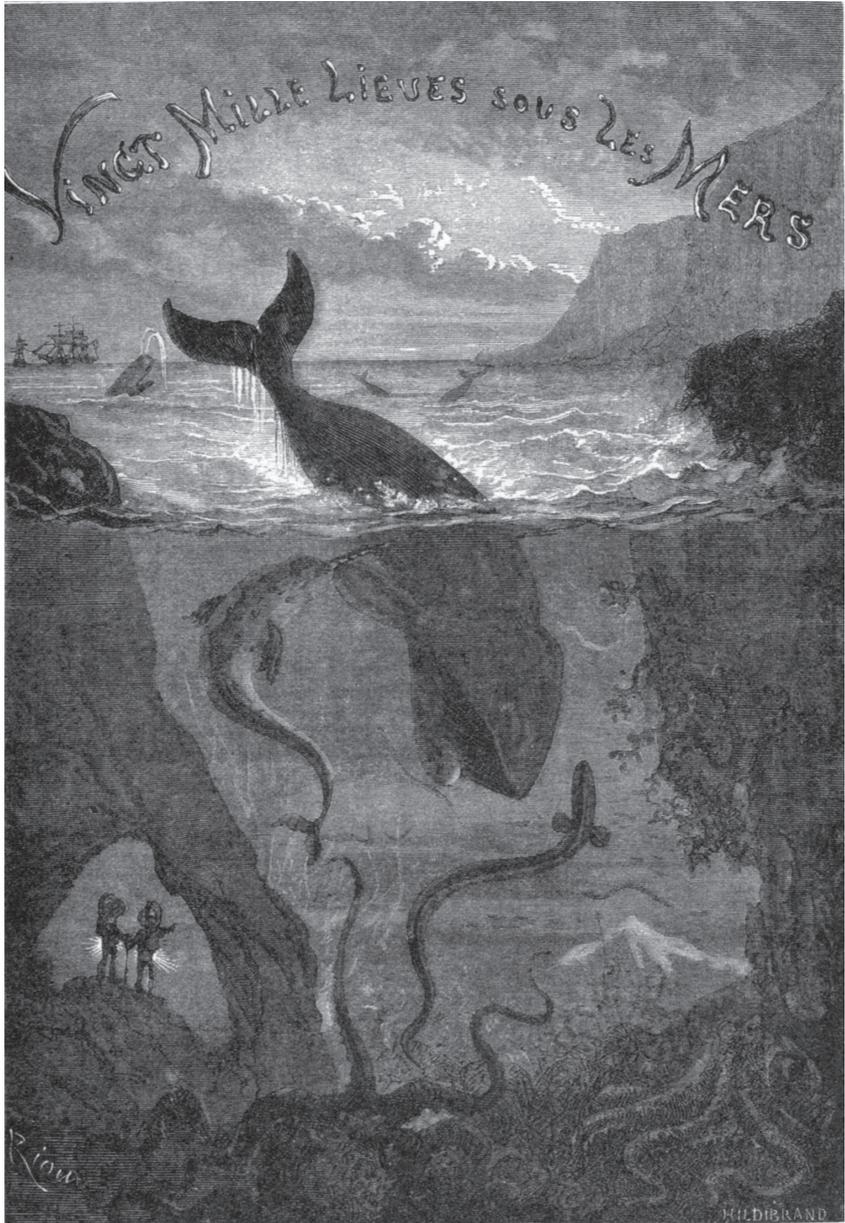
Vinte Mil Léguas Submarinas

Tradução, Notas e Posfácio de
Carlos Correia Monteiro de Oliveira

Ilustrações de
Alphonse de Neuville

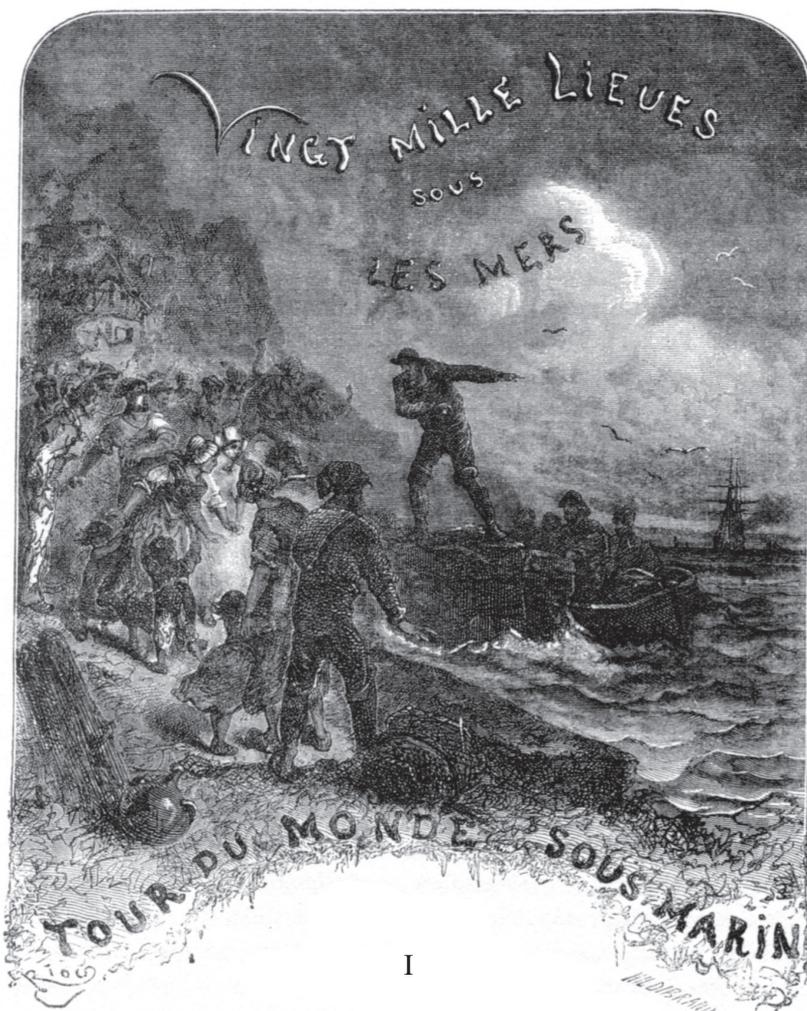


Clássicos



Primeira Parte





I

UM ESTRANHO ESCOLHO EM MOVIMENTO

Mil oitocentos e sessenta e seis foi um ano marcado por um acontecimento estranho, um fenómeno inexplicado e inexplicável, de que ainda ninguém certamente se esqueceu. Sem falar dos rumores que agitavam as populações dos portos e alvoroçavam os espíritos no interior dos continentes, a gente do mar andava particularmente emocionada. Negociantes, armadores, capitães de navios, *skippers* e *masters*, tanto da Europa como da América, oficiais das marinhas de guerra de todos os países e, por fim, governantes dos dois continentes inquietavam-se com o fenómeno.

Com efeito, havia já algum tempo que vários navios tinham avistado no alto-mar “uma coisa enorme”, um objeto comprido, fusiforme, por vezes rodeado por uma espécie de fosforescência, muito mais corpulento e rápido do que uma baleia.

Os relatos sobre estes encontros registados nos diversos diários de bordo concordavam entre si, com bastante exatidão, tanto quanto à estrutura do objeto ou do ser em questão, como quanto à espantosa mobilidade dos seus movimentos, ao poder surpreendente da sua força de deslocação, e referiam-se à vida especial de que parecia dotado. Se fosse um cetáceo, o seu volume ultrapassava todos os que a ciência classificara até então. Nem Cuvier*, nem Lacépède*, nem o Sr. Duméril*, nem o Sr. de Quatrefages* teriam admitido a existência de semelhante monstro — a não ser que o tivessem visto, o que se chama tê-lo mesmo visto, com os seus próprios olhos.

Se nos guiarmos pela média das observações registadas várias vezes — não levando em conta quer as mais timoratas, que lhe atribuíam duzentos pés de comprimento, quer as mais exageradas, que falavam de uma milha de largura e três milhas de comprimento — era possível, todavia, afirmar que esse ser fenomenal, caso existisse realmente, ultrapassava em muito todas as dimensões até então admitidas pelos ictiologistas.

Ora, já não era possível negar a existência do facto e, se pensarmos no pendor natural do pensamento humano para o maravilhoso, compreender-se-á facilmente a emoção que esta aparição sobrenatural causava no mundo inteiro. Tornara-se impossível relegá-la para o mundo das fábulas.

De facto, no dia 20 de julho de 1886, a tripulação do vapor *Governor Higginson*, da Calcutta and Burnach Steam Navigation Company, avistara essa massa movediça a cinco milhas a leste das costas australianas. À primeira vista, o capitão Baker julgou estar em presença de um rochedo desconhecido; dispusera-se até a determinar a sua posição exata quando duas colunas de água projetadas pelo objeto inexplicável se elevaram nos ares, com um silvo, a uma altura de cento e cinquenta pés. Por conseguinte, a menos que o escolho estivesse sujeito a erupções intermitentes, como um géiser, o *Governor Higginson* encontrara-se realmente em presença de algum mamífero aquático desconhecido, cujos orifícios expeliam colunas de água misturada com vapor e ar.

* O leitor poderá encontrar no final do livro um glossário com dados sobre alguns dos nomes de, entre outras personagens, cientistas, exploradores e navegadores menos conhecidos do público em geral e citados pelo autor. Os nomes estão assinalados no texto com um asterisco. (N. T.)

O mesmo facto foi observado pelo *Cristobal Colon*, da West India and Pacific Steam Navigation Company, outra companhia de navegação de barcos a vapor, no dia 23 de julho do mesmo ano, nos mares do Pacífico. Portanto, esse cetáceo extraordinário podia deslocar-se a uma velocidade surpreendente, uma vez que fora avistado, a três dias de intervalo, por esses dois vapores, separados por mais de 700 léguas marítimas.

Quinze dias mais tarde, a duas mil léguas de distância, o *Helvetia*, da Compagnie Nationale, e o *Shannon*, da Royal Mail, que navegavam em sentidos opostos na zona do Atlântico compreendida entre os Estados Unidos e a Europa, deram conhecimento um ao outro de terem avistado o monstro, respetivamente, a 42° 15' de latitude norte e a 60° 35' de longitude a oeste do meridiano de Greenwich. Através dessa observação conjunta, julgou-se poder avaliar o comprimento mínimo do mamífero em mais de 350 pés ingleses¹, pois, apesar de os navios medirem cem metros da roda da proa ao cadaste, o seu comprimento era muito inferior ao do animal. Ora as maiores baleias, as que frequentavam os arredores das Ilhas Aleútes, o Kulammak e o Umgullick, nunca tinham ultrapassado os 56 metros de comprimento — quando os atingiam.

Estes relatórios, enviados um após outro e, em seguida, novas observações feitas a bordo do transatlântico *Le Pereire*, um abalroamento entre o *Etna*, da linha Inman, e o monstro, além de um relato verbal dos oficiais da fragata francesa *La Normandie* e uma comprovação feita com muita seriedade pelo estado-maior do comodoro Fitz-James a bordo do *Lord Clyde* emocionaram profundamente a opinião pública. Em certos países, de humor mais leviano, as pessoas riram-se do fenómeno, mas noutros, mais sérios e práticos, como a Inglaterra, a América e a Alemanha, instalou-se uma viva preocupação.

Cantado nos cafés, ridicularizado nos jornais e até representado nos palcos dos teatros, o monstro passou a estar na ordem do dia, entrando em moda em todas as grandes cidades. Todos davam as mais variadas opiniões. As gazetas viram nele uma ótima oportunidade para todo o tipo de histórias e fabulações. Nos jornais, à míngua de assuntos, com as vendas em queda, ressurgiram todos os seres imaginários e gigantescos, desde a baleia branca, a terrível *Moby Dick* das regiões hiperbóreas, ao incomensurável *Kraken*², cujos tentáculos podem envolver um navio de 500 toneladas e arrastá-lo para os abismos oceânicos. Até se reproduziram relatos dos tempos antigos, as opiniões de Aristóteles e de Plínio, que admitiam a existência de tais monstros, assim como as narrativas norueguesas do bispo Pontoppidan*, as histórias de Paul Heggede e, por fim,

os escritos do Sr. Harrington, cuja boa-fé está acima de qualquer suspeita, e que afirmava ter visto, a bordo do *Castillan*, em 1857, uma enorme serpente que até ali só frequentara os mares do antigo *Constitutionnel*.

Rebentou então uma interminável polémica entre crédulos e incrédulos nas sociedades de sábios e nos jornais eruditos. A “questão do monstro” inflamou os espíritos. Durante essa campanha memorável, os jornalistas ardentes defensores da ciência em luta com os mais dados a gracejos fizeram correr rios de tinta; alguns até gotas de sangue, pois da serpente do mar não tardaram a passar às mais virulentas ofensas pessoais.

A guerra continuou durante seis meses, com diversas ocorrências. Aos artigos de fundo do Instituto Geográfico do Brasil, da Academia Real das Ciências de Berlim, da Associação Britânica, do Instituto Smithsonian de Washington, às discussões do *Indian Archipelago*, do *Cosmos* do abade Moigno, das *Mittheilungen* de Petermann*, às crônicas científicas dos grandes jornais de França e do estrangeiro, a pequena imprensa ripostava com uma veia inesgotável. Num tom jocoso, os cronistas mais espirituosos, parodiando uma frase de Lineu citada pelos adversários do monstro, sustentaram que, na realidade, “a Natureza não criava tolos”, e rogavam aos seus contemporâneos para não a desmentirem ao admitirem a existência dos *Krakens*, das serpentes do mar, das *Moby Dick* e de outras fabulações de marinheiros em delírio. Por fim, num jornal satírico muito conhecido e temido, o mais eminente dos seus redatores deu uma estocada final no assunto, investindo contra o monstro, qual Hipólito³, desferindo-lhe o golpe de misericórdia no meio do gáudio geral. O gracejo vencera a ciência.

Durante os primeiros meses de 1867, o assunto pareceu estar enterado, nada fazendo supor que pudesse renascer, quando novos factos foram levados ao conhecimento público. Desta feita já não se tratava de um problema científico por resolver, mas de um perigo real e grave que era necessário evitar. A questão assumiu um contorno completamente diferente. O monstro tornou-se ilhota, rochedo, escolho, mas um escolho móvel, indeterminável, inacessível.

No dia 5 de março de 1867, o *Moravian*, da Montreal Ocean Company, navegava de noite a 27° 30' de latitude e a 72° 15' de longitude quando abalroou com a aleta de estibordo um rochedo não assinalado nos mapas daquelas paragens. Sob o esforço combinado do vento e dos seus quatrocentos cavalos-vapor, avançava à velocidade de treze nós e se não fosse a qualidade superior do seu casco, o *Moravian*, arrombado com o choque, teria sido engolido pelas águas, levando consigo os 237 passageiros que trazia do Canadá.